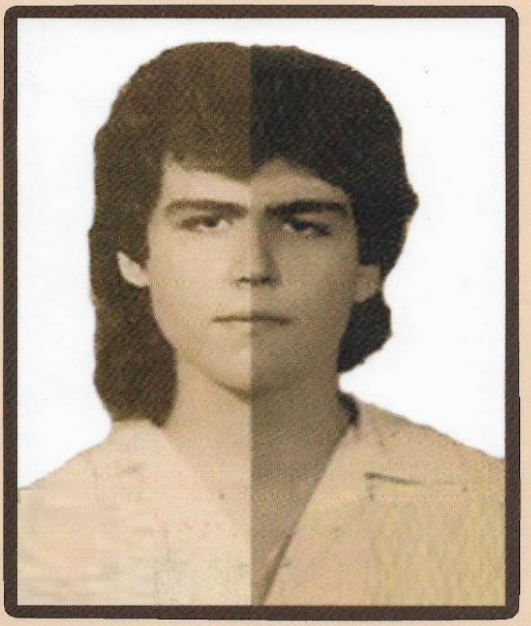
Marcelo Mourão



O DIÁRIO DO CAMALEÃO

PERSONAL

O DIÁRIO DO CAMALEÃO

O DIÁRIO DO CAMALEÃO

Marcelo Mourão

PERSONAL

© copyright 2009 by Marcelo Mourão

O DIÁRIO DO CAMALEÃO

produção editorial:
cairo de assis trindade

coordenação editorial
denizishenriquestrindade

formatação/capa:
personalfilme produções

revisão:
Oficina de Literatura Cairo Trindade
www.cairotrindade.com

contatos com o autor
reicamaleao@bol.com.br
professormarcelo@hotmail.com

ISBN

978-85-63233-00-4

É permitida a publicação no todo ou em parte
desta obra com a referência do autor.

Agradecimentos

** a Deus e à minha família,*
que jamais deixaram de estar a meu lado;
** a Luh Oliveira,*
minha primeira leitora e incentivadora na Net;
** a Luiz Fernando Prôa,*
amigo importante em meu começo no meio poético;
** a Cairo Trindade e Denizis Trindade,*
amigos, raros e únicos: fundamentais;
** a Antônio Gutman,*
aquele que foi/é sempre tudo quando mais precisei/preciso;
** a Zé Calazans, Tornaghi e Alien,*
parceiros de POLEM, aliados preciosos;
** a Teresa Drummond e Neudemar Sant' anna;*
** a Sylvia Moreti,*
amiga e fiel escudeira nos tempos de divulgação na Net;
** a Jane Duboc, Byafra e Marco Lyrio,*
amigos que constantemente me incentivam e prestigiam;
** a João João, Liró, Bettina, Nancy e Ada,*
amigos que sempre me motivaram a escrever mais;
** a Marcus Vinicius Quiroga,*
paciente e carinhoso em todos os instantes;
** a todos os meus alunos;*
** a Renato Russo, Cazuza e Chico Buarque,*
os que primeiro acenderam pavios poéticos em mim.

Este livro é dedicado a Adilson, meu pai; Mariléia, minha mãe; Cenira, minha vó, e Amanda, minha filha: amores de ontem, de hoje, amores para sempre.

MARCELO MOURÃO: O VOO DO CAMALEÃO

Tanussi Cardoso*

Se me perguntarem o que mais aprecio na poesia de **Marcelo Mourão**, diria que é a capacidade de tocar de imediato a emoção das pessoas. A poesia de **MM** cativa de imediato, toca no mais profundo de nossos sentidos, de maneira clara e profunda. É como se tivesse ligado uma linha direta de comunicação entre ele o leitor. Não é isso o que todos desejamos quando escrevemos? Ou ainda tem alguém que acredita que um escritor escreve para si mesmo, escreve para não ser lido? Os que assim afirmam são hipócritas ou loucos: se não querem ser lidos, para que publicam? **MM** não está no grupo dos que não estão nem aí para o leitor. Escreve para ser entendido, degustado, apreciado. Muda o tom a seu bel-prazer: ora grita, ora sussurra; é vento e brisa; sol e chuva. Daí, seus poemas nos tocarem como furacão e brisa. A todo momento se transfiguram, se transformam a cada leitura. Querem dizer algo num instante, em outro, dizem o contrário.

Como um camaleão que vê suas cores e seu corpo mudarem, os poemas de **MM** modificam-se aos nossos olhos, a cada novo olhar que emitimos. Os poetas, somos muitas coisas ao mesmo tempo e essa mistura nos faz interessantes, não diferentes. Somos seres inquietos que nunca ficamos contentes por muito tempo. Não é à toa, portanto, que **MM**, inteligentemente, intitulou o seu primeiro livro de "**O DIÁRIO DO CAMALEAO"**, porque se permite o dom de ser camaleônico, utilizando-se dos

mais eficientes recursos técnicos para elaborar os seus poemas, ora rimados, ora brancos; ora livres, ora clássicos; ora pornôs, ora puramente líricos, românticos, ingênuos; ora sociais e políticos, de um conteúdo forte, dramático e corrosivo, ora se dirigindo às estrelas, à lua, aos céus e ao universo; ora pagãos, ora cheios de um Deus pleno e emotivo; ora secos, ora dilúvios. Tudo isso, amalgamado, emoldurado, num uivo poético belamente estruturado, em forma e fundo. Essa ideia de um ser camaleônico (ou "fingidor", como diria Pessoa), podemos ver no eloquente e lindo autorretrato, "Verso & reverso": *às vezes perco a fala:/ nada salta, tudo cala./ não sou só palavras./ sou também o silêncio/ presente nesta página*. Pensamento ratificado nos versos de "La dolce vita": por saber que palavras/ não são meu retrato exato. Ou, como afirma em "Acima do Olimpo": só sinto e sei / que sou eu / meu enigma mais profundo". Afinal, como o poeta diz em "A chama da vela", *o melhor da flecha é seu voo / e não a chegada ao alvo.*

Porém, **Marcelo Mourão** não faz nenhuma concessão para conquistar o leitor. E sabe que não é, como já disse um crítico literário sobre esse tipo de poeta, "um animador de auditório". Ele tem consciência de que quando faz um poema, está falando dele próprio. Ele não escreve para, através de risos e lágrimas forçadas, comprar um leitor. Não, **Marcelo Mourão** é um verdadeiro poeta.

Acredito que se alguém quer ser escritor, TEM de escrever. **Marcelo Mourão** me passa a ideia perfeita do que deve ser um escritor: um trabalhador da palavra. Como se fosse uma necessidade diária. Para ele, poesia é um ofício que exige trabalho constante e

permanente aprendizado. Sabe, também, que o bom escritor é aquele que possui uma visão do mundo, e que consegue transpor para o papel e para o poema a sua forma de compreendê-lo. Vejamos o belíssimo poema "Jaula": *guardados/ fechados/ trancados/ a cinco ou sete chaves/ dentro de casa/ muros telas grades/ lacrados/ vidros e portas/ tudo blindado/ todos pedindo a Deus/ que aqui ou lá fora / ele sempre nos guarde.*

E, como a cada dia somos uma pessoa diferente, ao menos fisicamente, o nosso "diário" pode ser transformado, daí, sermos todos camaleônicos no bom sentido poético da palavra. **"O DIÁRIO DE UM CAMALEÃO"** é isso: a visão de vida de um poeta que se permite observar o mundo de vários ângulos, podendo transformá-lo a cada nova visão, sob os louros da Poesia. Leiamos um fragmento do poema "Inquebrantável": f*aço-me faca e meu corte é profundo:/ o que em mim degenera, eu desconstruo./ encaro deus e o diabo em meu submundo./ planto jardins, mas também crio túmulos.*

Sem objetivar uma unidade temática, havendo uma grande liberdade formal em seus poemas, **Marcelo Mourão** é lírico, erótico, político e social. Em seu primeiro livro, o poeta expressa, de forma contundente, suas inquietações existenciais. Vejamos este exemplo nos fragmentos do poema "Infinito circular": *quente é a cona/ onde vidas se juntam/ e nova vida vem à tona/ quente é o canto/ abrigo casca útero/ carne que se faz manto/ (...)/ quente é a cova/ que lembra fim/ mas é continuação.*

Ou nesse fragmento de "Arquivo morto": *casa sem asa é sono sem sonho/ cinzas se espalham na brisa de outono.*

Embora a poesia de **MM** seja construída sob os alicerces do lirismo, nela coexistem poemas sócio-políticos, que nunca descambam para o panfletário, e suas críticas contra os valores sociais, tantas vezes hipócritas e caducos. E muitos poemas sobre a finitude e a morte, poemas de grande espiritualidade, com a visão de que a vida é simplesmente passagem, como podemos sentir no fragmento de "A força da foice": *muitas mãos e um deus cego de pele fria/ mastigam a vida, sob a forma de noites e dias./ as coisas aparecem, perecem e logo findam./ a estratégia do caos é disfarçar-se de harmonia*

O fazer poético, com uma visão tradicional de ofício sagrado, é, também, tema recorrente em **Marcelo Mourão**. Vejamos o excelente "Vida própria", com seus ótimos achados: *a poesia não é ilha/ nem terra prometida/ é talvez a vã tentativa/ de caber não em si mesma/ mas em quem a visita/ a poesia não quer nada/ a não ser casa, comida/ e palavra lavrada/ quer quem a beba de vez/ e não só por partes/ a poesia é cativa/ de sua própria liberdade.*

Em **Marcelo Mourão**, a temática amorosa, esse sentimento universal, fonte de, muitas vezes, lirismos ultrapassados, com suas relações de altos e baixos, estende sua prática de forma romantizada, quase como confissões sentimentais, com seus versos abertos, despojados e sem pejo de parecerem ridículos, como diria um tal Fernando. Levando sua linguagem lírica e sentimental em direção aos poemas mais carnais e sexuais, e utilizando-se inteligentemente de uma aparente simplicidade das palavras e dos versos, **MM** camufla o sentido real e complexo contido no próprio

campo amoroso. Assim, essa linguagem lírica se torna ainda mais bela, porque para ele, poeta, o Amor é o alimento da Vida, e o seu tema mais importante. Leiamos fragmento de um poema de amor, que não cai no lugar comum dos tristes apaixonados, "Vesânia":/ *frente verso fora dentro/ toda a carne agora pulsa./ sede sexo sentimento:/ nada retenho e nem quero cura/ (...)/ e já tão tarde descubro:/ amor é sangue, e não sangria.*

Ou, como nos mostra, o fragmento do poema "Relicário": *sou feito do que me preenche,/ de tudo que só em mim cabe./ quem me conhece já até sabe:/ amo o que sou porque sou o que amo./ sempre entrego a quem quero / meus segredos, senhas e chaves./ todos os meus espelhos são feitos de carne.*

Ou, ainda, no lindo "Amor bacante": a *noite divide o dia em retalhos,/ cada resto de luz some num abraço./ na cama, também me desfaço:/ são teus todos os meus pedaços.*

Ou como podemos vislumbrar no fragmento de "Interligatos", típica prova de que o erotismo pode ser belo, sem ser puramente pornográfico: f*elina farra de falos e grelos:/ fundamos um céu sem freios./ divino dilúvio de desassossegos:/ os bichos se comem e lambem os beiços.*

Afinal, como diz o poeta em "De dentro para fora", *sexo com amor é sexo/ mas também um tipo de arte.*

Marcelo Mourão é bom poeta porque une imagem e imaginação à forma: utiliza-se muito bem da harmonia, do ritmo, das aliterações, das assonâncias, das rimas internas, das metáforas, entre outras técnicas e linguagens poéticas, que o permitem ir de poemas complexos a outros de estilos coloquiais, com humor e

ironia. Ou o criativo e belo “Pedaço de mim”: *diga o* que/ você quiser:/ minha filha/ é meu lado mulher.

Ou, ainda, o lindo “Sólido e gasoso”: *viver é deus/ morrer é homem/ a arte fica/ o tempo some.*

Nesse caleidoscópio linguístico, em que o léxico e o imagístico predominam, há muitos pressupostos de uma poesia que respira os seus dias, com cruzamento de textos, paródias, incorporação de termos referentes à cultura de massa (televisão, jornal, computador), e, principalmente, um sério compromisso crítico-social sobre a brutalidade do nosso cotidiano. E, apesar de muitas imagens serem bastante agressivas, tendo em vista o tema de nossa urbanidade, a poesia de **Marcelo Mourão** nos soa leve e quase suave, em seus versos de características acentuadamente orais, que serão melhor compreendidos se lidos em voz alta (não é à toa que o poeta é um dos mais atuantes produtores culturais de eventos de recitais no Rio de Janeiro.)

“O DIÁRIO DO CAMALEÃO”, de **Marcelo Mourão**, nos surpreende por sua madureza, por seus variados registros e, principalmente, por uma poesia eficaz, por vezes anedótica, muitas vezes intelectual ou filosófica. **MM** conjuga sinceridade de testemunho e boa forma, e ainda por cima, faz uma leitura amorosa de muitos poetas contemporâneos: Cairo Trindade (talvez, a sua maior influência), Eduardo Tornaghi, Marcus Vinicius Quiroga, Laura Esteves, Luiz Fernando Prôa, Denizis Trindade, Carlos Nejar (outra grande admiração) e deste prefaciador, entre muitas outras vozes da poesia atuante e atual.

Talvez, por esse motivo, poderíamos fechar esse texto, com o fragmento do original poema, “Muito além de Prometeu”, dedicado por **Marcelo Mourão** “aos mestres, com carinho”: *o semeador vê frutos/ quando tão somente/ ainda hibernam sementes/ cada grão é como carvão/ que parecia apagado/ e aí reside o seu dom:/ devolver as asas a quem já era alado.*

A **Marcelo Mourão** resta continuar soltando suas asas, procurando, a cada vez, voar mais alto, e alcançar o ritmo de seu próprio voo e salto. Marcelo Mourão é um poeta mais do que bem-vindo!

**** Tanussi Cardoso***
é poeta e jornalista

“Por mais que invente, sempre sou sincero.
Quanto mais sonho, mais estou desperto.”
Lêdo Ivo

CAMALEÃO

"I am the Lizard King.
I can do anything".
Jim Morrison

eu posso ser o que eu quiser:
anjo, santo, flor, menina
ser buda, jesus cristo ou maomé
posso ser a sua mãe
posso virar a minha mãe
ser pessoa importante
ou apenas uma qualquer

posso me pôr nu,
andando, deitado, em pé
posso voar, me transportar
feito um facho, um raio
pra china, cochinchina ou tibet

posso quebrar as regras
infringir todas as leis
olhar fixo para o sol
e me sentir bem melhor
posso ser cego, surdo, mudo
ser mendigo, traste, vagabundo
que mudo o mundo se eu quiser

a poesia me permite tudo
e estou pronto pro que der e vier

SÍSIFO

sim, eu sei, carrego uma pedra.
em mim, levo meu peso e o dela:
sentença que cumpro fora da cela.
sequer adianta fingir e não dar trela:
a pedra pesa e pétrea é a sua chancela.

parte da carga cabe às minhas esparrelas
outra equivale ao fardo que se herda.
seja longa ou curta a viagem nesta terra
haverá um peso constante em cada perna
e uma mochila nas costas feita de pedra.

sim, eu sei, carrego uma pedra.
ela cai e torno a buscá-la ao pé da serra.
sou daqueles que nunca se entrega:
me faço rocha se o tempo é de guerra.
no meu caminho sempre tem uma pedra

ser poeta é um dos jeitos de lidar com ela.

VIDA PRÓPRIA

para Laura Esteves

a poesia não é ilha
nem terra prometida
é talvez vã tentativa
de caber não em si mesma
mas em quem a visita

a poesia não quer nada
a não ser casa, comida
e palavra lavrada
quer quem a beba de vez
e não só por partes

a poesia é cativa
de sua própria liberdade

MINHA CASA

ainda me lembro do dia
em que perdi a inocência
e comecei a conhecer a poesia.
(foi numa aula de ciências)
me rasgaram sem anestesia:
“todo ser vivo nasce, cresce,
se reproduz e desaparece”.
a morte, eu há muito conhecia,
mas dito daquela maneira
era meu primeiro banho de água fria.

depois veio a adolescência:
um mundo completamente novo
de medos, paixões e carências.
a poesia virou de vez meu estofo
e as dores se reduziram a ardências.
mortes e medos, continuaram todos,
porém agora bem menos violentos.
aprendi: faça bom ou mau tempo,
corro, abro as portas da poesia
e logo me refugio lá dentro.

LA DOLCE VITA

dedos, lápis, leme, barco.
palavras e pássaros na praia
observam tudo o que faço.
liberdade inventa escadas
se corro com pés descalços.

imaginação solta,
a inspiração voa.
me sinto ébrio e grávido
de tudo aquilo que guardo
e ainda não falo
por saber que palavras
não são meu retrato exato.

papel, caneta, ilha, náufrago.
frações de mim se procuram,
mas nem sempre se acham.
sou o vão entre ideia e ação,
entre cegueira e razão.

infância solta,
alegria voa.
piloto uma nave sem motor.
e faço questão de acreditar
que sou bem maior do que sou.
porque poesia se faz em vida,
morte é o que o poema calou.

JOIA DE LATA

a poesia é aquela pedra
jogada bem no meio da rua
um terço de nós a despreza
outro terço chega e chuta

o resto faz algum uso dela
seja da forma mais limpa ou suja
dentre estes há aquele que pega
e a usa feito santa ou puta

há também quem se case com ela
e a coma gostoso qual uma fruta
depois esse marido pula a janela
trai e volta pedindo desculpas

a poesia é mesmo essa merda
alguns poucos ainda dão trela
mas se ela dá tchau e some
a gente fica doido à procura dela

NOMES AOS BOIS

para Fernando Pessoa

o que são os poemas
senão castelos sobre nuvens erguidos
e a inspiração, o menino fugidio
que vez ou outra tocamos com as mãos?

escrever seria treino e/ou dom?
cura, brinquedo ou corrida sem direção?
só sei que papel é quase espelho
que olho e me olha num conflito sem som.

que necessidade tão tola e tão humana
a de se querer sempre o controle da situação!
ansiedade é o verdadeiro mal do século
e se engana quem pensa ser a solidão.

ridículo caçar um sentido pra tudo
se a vida sempre renega celas e muros.
gostoso é experimentar as sensações.
pra que definir pedra, flor, fruto ou pão?

o que são estrofes, versos, fonemas,
diante de tudo o que vejo, respiro e bebo?
o branco da folha me olha e não cedo!
zomba de mim e tenta me pôr medo.

labirinto ou poema, há muito o conheço.
seria o lápis um tipo de novelo?

PARCERIA

criamos poesia à noite toda
e a espalhamos em nosso quarto
escondemos todos os extintores
enquanto curtíamos o incêndio na mata

escrevemos vários poemas até tarde
foram versos feitos com corpos e almas
minha fome rimou com tua carne
nossa loucura em estrofes se derramava

fizemos arte sem cortes nem pausas
abraços, beijos, olhares construíram frases
e tudo se fez dentro da nossa linguagem:
amar assim é ir muito além da sacanagem.

HERÓI DE VITRINE

não penso como aristóteles
nem teorizo como michel foucault
tampouco juro como hipócrates
e jamais escrevi igual a rousseau
a pomba do meu pentencostes
na minha cabeça sempre defecou

nunca decodifiquei feito kardec
e sequer perdi a cabeça tal qual danton
não pinto como toulouse lautrec
nem me igualo a diógenes, o bom
mas, quem sabe, sou guevara de pileque
me sentindo o deus da revolução

ETERNIDADE
para meu pai

tua chama arde.
cova não é cativeiro:
é só liberdade.

TUDO DE BOM
para minha mãe

mãe tem apenas três letras.
céu, a mesma conta tem.
se o céu possui mil belezas,
milhões, a mãe tem também.

PEDAÇO DE MIM

diga o que
você quiser:
minha filha
é meu lado mulher.

AMADA

para Amanda, minha filha

que brilho nos olhos!
que brancura nos dentes!
que alegria transbordante
transpiras de modo afluente!

tua meninice é chama ardente
que, infelizmente, com o tempo
vai se apagando do coração da gente.
e eu, meio bobo, meio delirante
rezo e peço, quase penitente,
pra que esse sorriso, meia-lua, cheio,
de ti não se separe tão cedo.

que brilho no rosto!
que brancura na alma!
que alegria esfuziante
a fuzilar quem passa em tua frente!
eu queria te entender sempre.
queria compreender novamente
o que é que uma criança sente.

que brilho nos olhos!
que brancura nos dentes!
que alegria infinda
infesta de luz a vida da gente!

PENSO, LOGO INSISTO

"Ser assim, ave desgarrada,
parte do bando da estrada,
sem deixar jamais de ser livre".
Ivan Wrigg Moraes

desde pequeno sou polêmico:
o que está dentro não está fora
o que está fora não está dentro
se o sol na rua quase me torra
vou concordar que chove e venta?

PAPO RETO

caridade mesmo deve ser muda
agir sob as sombras e sem alardes
toda bondade em voz alta é fajuta
e atende pelo nome de vaidade

A CHAMA DA VELA

para Tanussi Cardoso

do pó ao barro
do barro ao vaso
que volta ao pó
como a cinza
que não torna
a ser cigarro

a gota vira poça
a poça vira riacho
as águas correm
escorrem numátimo
seguindo a lógica
de um deus tácito

do pó ao jarro
do jarro ao caco
que retorna ao pó
como a fruta
que caída não volta
a pertencer ao galho

o melhor da flecha é seu voo
e não a chegada ao alvo

PEDRA FILOSOFAL

para Eduardo Tornaghi

nada é igual
nem simétrico.
tudo que vejo
é imperfeito
ou seria perfeito
cada qual do seu jeito?

nada do que toco
é exatamente
como percebo.
derrubo mitos
feito nietzsche.
tudo é múltiplo
enquanto existe.
verdades são várias
vista a que lhe sirva.

nada é normal
nem previsível.
tudo o que se mostra
guarda segredos.
enxergar o atrás da porta
é nosso maior desejo.

MUITO ALÉM DE PROMETEU

para os mestres, com carinho,
em especial, a Paulo Freire

o semeador vê frutos
quando tão somente
ainda hibernam sementes
cada grão é como carvão
que parecia apagado
e aí reside o seu dom:
devolver as asas
a quem já era alado.

cabe ao agricultor
evocar o sagrado
impedir o fogo
de jazer pedra
dentro do armário
deflagrar o combate
e num ato incendiário
frutinsinar a cidade.

o semeador vê brotar
vida onde já havia
ela apenas perdida
pedia pra ser colhida
feito feto faminto
por tocar a luz do dia
o papel do professor
é reinventar a própria magia.

PRESENÇA

para Emília Teixeira, in memoriam

ela veio num sonho
bater à minha porta
e fez questão de repetir:
“eu não estou morta!”

suas palavras eram ondas
beijando a rocha feita de mim
“acham que eu morri,
então por que estou aqui?”

senti sua alma bem perto
acabei feliz por revê-la
mesmo depois de desperto

isso marcou feito cicatriz
foi então que aprendi:
vão-se as folhas, fica a raiz.

OPÇÃO

acolho
escolhas

despejo
despojos

sou poesia
até os ossos

SÓLIDO E GASOSO

viver é deus
morrer é homem
a arte fica
o tempo some

SOU COMO SOU

"sou gigolô de palavras
e não um deus feito homem."

carrego meus sonhos
vários em cada ombro
ora escolho escadas
ora encontro escombros

OLHO NO OLHO

para Denizis Trindade

o meu maior medo
é até pro espelho
ter que ter segredos

IMPLOSÃO

para Louis Alien
e Adriana Monteiro de Barros

fim de um tempo
dentro de mim
assim me repenso
acendo o estopim
expulso horrores
incinero dores
reconstruo
o que desabou

grito já rouco
e tudo é pouco
tão pouco que pouco
agora restou
tão louco ser pouco
do pouco daquilo
que fui e que sou
hoje só olho em frente
e esqueço o retrovisor

A PARÁBOLA DO ILUMINADO

vivia na escuridão.
encontrou uma vela:
que grande emoção!
anos e anos na cela,
custou a se acostumar
com luz, cor e som.
mas aí, depois da vela,
achou uma lanterna.
nem se lembrava mais
dos tempos de caverna.
mas a vida sempre voa
e até a própria lanterna
deixou de ser tão boa.
buscou então um farol.
depois desejou a lua,
as estrelas, os cometas.
por fim quis o sol,
para colocá-lointeiro
à sua disposição.
brincou de deus e diabo
e ficou cego com
tanta iluminação.
mal sabia o “iluminado”
que a tristeza da escada
é sonhar céu e acordar chão.

INFINITO CIRCULAR

quente é a cona
onde vidas se juntam
e nova vida vem à tona

quente é o canto
abrigo casca útero
carne que se faz manto

quente é o colo
no qual deito, choro
e durmo em acalantos

quente é a casa
onde caibo e cabe
toda a minha emoção

quente é a cova
que lembra fim
mas é continuação

FÊNIX

aposenta aquele casaco
com rasgos na gola
ele ficou arcaico
cansado e fora de moda

se livre dos elepês
cheios de chiados e arranhões
doe as velhas botinas
ganhas na copa do japão

coloque no lixo de uma vez
velhas contas de luz, de gás
seu jogo incompleto de xadrez
e coisas que nem se usam mais

a vida é cheia de mortes
páginas viradas
alma doente é água parada
ressuscitar sempre

o resto é conversa fiada

INQUEBRANTÁVEL

a lâmina de aço não corta nuvens
nem meu sangue fraco a enferruja.
mesmo com janelas e portas desnudas,
não me contamina o ar vindo da rua.

liberto no voo o santo e o sujo.
derreto com as chamas do lúdico
tudo aquilo que me faz ser duro:
sou o que sinto e não o que simulo.

faço-me faca e meu corte é profundo:
o que em mim degenera, eu desconstruo.
encaro deus e o diabo em meu submundo.
planto jardins, mas também crio túmulos.

VERSO & REVERSO

às vezes perco a fala:
nada salta, tudo cala.
não sou só palavras.
sou também o silêncio
presente nesta página.

PREÇO DE BANANA

tanto e-mail, scrap, depoimento,
entram e saem juras de amor,
amizade eterna e sentimentos.

pra mim resta o questionamento:
fundamentalismo emocional
ou emoções sem fundamento?

SO(M)BRAS

"meus restos são roupas
nas quais taco fogo."

pouco a pouco
morre o corpo
move-se o todo
rumo ao fosso
rumo ao frio
enquanto existo
a vida me dá socos
abaixo do umbigo

pouco a pouco
morre o rosto
morrem cabelos
boca, pescoço
morrem estrelas
dentro do olho
morrem os dias
uns sobre os outros

pouco a pouco
o novo vira roto
o reto fica torto
o ralo joga água
suja no esgoto
cada barco nasce
pra um dia abraçar
seu inevitável porto

A FORÇA DA FOICE

muitas mãos e um deus cego de pele fria
mastigam a vida, sob a forma de noites e dias.
as coisas aparecem, perecem e logo findam.
a estratégia do caos é disfarçar-se de harmonia.

muitos deuses invisíveis seguem suas sinas:
engolir carnes e ossos em estranha rotina.
ensopado de destroços ao molho das carnificinas.

muitas mãos movem a máquina e seus relógios.
nada vaza. o tempo é traça roendo a celulose.
nada escapa da fome do deus de nome morte.
somos filhos do fino fio de linha que espera o corte.

O QUE SOBRA

nascimento & morte
vida & morte
amor & morte

o nascimento se vai
a vida se vai
a morte chega
e não volta atrás
somos pedras
que (es)correm
até um adeus de gás

o nascimento vem
a vida ensina
a morte leva
e o amor segue
sempre sua sina
seja nesta ou
em outras terras

pensando bem
amor não se perde
amor se aglomera

MARAVILHOSO MUNDO MODERNO

tudo tão deprê, tão dark
desde o champs-élysées
até o central park
tudo tão off, tão fake
sem grana pro botox
bota na cara um pancake
e se rolar sessão de fotos
não tem grilo, é mole mole
tem a mãozinha do photoshop

tudo tão crazy, tão trash
diploma é enfeite
de quem o consegue
tudo tão lost, tão fuck off
neguinho torce
pra arrumar um bico
serve até boy sem moto
a crise tá mesmo foda
qualquer merreca já desafoga

tudo tão bad, tão shit
chovem pestes
sem ser as do egito
tudo tão tosco, tão triste
doença da vaca, do porco,
aids, pandemias e gripes
é a era do mato ou morro
não fujo pro mato nem pro morro
só me resta é gritar: socorro!

***NOTURNO**

para Manuel Bandeira

as horas aceleram
meu coração também
enquanto a cidade dorme
sigo só, sem ninguém
passo por várias ruas,
botecos, armazéns
e imagens assim tão cruas
me fazem mais mal do que bem

carros aceleram
assaltos no sinal
um homem come lixo
feito bicho, animal
arrasta a cruz de ser
resto do resto social

sigo meu itinerário
em cada praça ou calçada
roteiro que às vezes faço
quase sempre madrugada
a pé, passos largos
corpo moído, alma surrada

as horas passam
a vida também
enquanto todos dormem
me sinto meu próprio refém

*com parceria de Cairo Trindade

NO REINO DA PÓS-MODERNIDADE

para Marcus Vinícius Quiroga

na net, com o planeta me conecto:
vejo a terra passar em minha tela.
tudo tão perto quando abro janelas.
navego sentado, passivo e quieto.
(e a solidão continua um espectro)

na rua, as pessoas mal se olham.
vão com seus fones enfiados na orelha:
mp3, mp4, ipod ou outro som qualquer.
nada de sorrisos, acenos, gentilezas.
(e a solidão continua a ser o que é)

no mundo, manda a deusa cibernética,
com suas promessas de felicidade.
e nós, seus servos, afogados em mares
de cds, dvds, laptops e celulares.
(e *solidão* é o outro nome de modernidade)

MONSTRO CITY

este sangue
solto e frio
sanguessugado
sem dó pelo chão
evapora e some
sem luz ou som
e a carne antes viva
em pedra e gelo vira
sob o silêncio sádico
dos curiosos de plantão

este corpo
mudo e baldio
desta vida
de dor e desvios
foi cedo ceifado
sem chance nova
ou segunda opção.
hoje estatística
do estado
estático espera
mais nada

a não ser o rabecão.

LÍNGUA DE FORA

rimas simples para Cairo Trindade

que vontade de poder dizer
tudo o que sinto
tudo o que vejo
sem ter nada a perder
sem perder o ensejo

que vontade de soltar o verbo
soltar a bomba e não me esconder
quantos pedaços iriam pro ar?
o que iria de fato acontecer?

que vontade de poder dizer
o que todos querem dizer
e omitem pra não se comprometer
que audácia a minha tentar

fazer o céu amanhecer!

A ROTINA DO RALO

os ratos roeram
a roupa do rei de roma.
roubaram a receita
arrecadada no reino torto.
rasparam até os restos
dos ratos reles e rotos,
roedores sem rumo ou rosto.

os ratos roeram
as regras, os regulamentos.
recrutaram até o rato-rei
(regente risonho da ratolândia)
pra resguardá-los das rebordosas,
ratificar a rapina, o roubo,
resfriar a revolta da ralé raivosa.

os ratos roeram
a roda, o remo, o rodo.
roeram tudo até o osso.
restou foi uma rola
no rabo do povo.

VIDA DE GADO

para Paulo Leminski

ovelhas vagam
vão vigiadas
por outras ovelhas
velhas víboras
vivem destas vidas
que vertem vísceras

ovelhas vagam
vivem na ventania
vêm e vão vida afora
sempre presas à lida
servem pra servir
sem serem servidas

ovelhas vagam
do início até o fim
e ai daquela que crie asas
e se desgarre da matilha
se bem que dócil ou brava
nenhuma escapa da tosquia

A GENTE VAI LEVANDO

o dia acorda cedo:
despertador, seis horas,
chinelo, chuveiro.
fim de sonho.
bom-dia, pesadelo!

as pessoas até variam
só não varia o enredo:
fila, calor, ônibus cheio.
sono, bronca, patrão azedo.
tudo igual, até os erros!

a noite desce e eu caio.
sempre o mesmo ritual:
trabalho-casa-casa-trabalho.
paro e penso: não é tão mal...
pior seria: desemprego-desamparo.

DRAMALHÃO

a bomba h arrasou o japão
o iceberg afundou o titanic
os judeus caçados por hitler
não tiveram segunda opção
e você ainda se acha um triste
coitado e digno de compaixão?

as torres gêmeas foram ao chão
playboys queimaram o índio todo
os e.u.a. ferraram o afeganistão
o meu flamengo perdeu de novo
e você acredita mesmo que o
seu problema é o maior de todos?

a natureza e o planeta ameaçados
a vida humana sem valer um centavo
o povo pobre tratado igual a gado
ou então no chicote feito escravo
e você chorando o seu leite derramado?
botando chifre em cabeça de cavalo?

FÉ DEMAIS?

antes
o pastor livrava do lobo
as suas ovelhas.

agora
é o próprio lobo
quem as pastoreia.

INCENDIÁRIO

meu prometeu
acorrentado
cospe fogo
pra todo lado

COPABACANA

capital da piração urbana
da erupção erótica
da invasão suburbana
da agitação caótica

verdadeira pororoca humana
é bahia namorando grã-bretanha
espanha que esbarra no amazonas
que abraça minas, europa e canadá
babel festeira e camaleônica
satiricon simpática e sarará

paraíso de céu, sol e samba
cantada em verso e prosa
reduto de travecas, pivetes e bambas
e também das mulheres jeitosas

por isso reinas tão orgulhosa
e ao mesmo tempo gostosa e sacana
acerta quem te proclama:
és pátria amada, copacabana!

SACO DE PANCADA

crivado
de imagens

baleado
por notícias

refém
de fatos
filmes & fotos

cercado
por trás
frente & lados

assim me refaço:
juntando meus cacos
pelo chão

es
lha
pa
dos

JAULA

guardados
fechados
trancados
a cinco ou sete chaves
dentro de casa
muros telas grades
lacrados
vidros e portas
tudo blindado
todos pedindo a deus
que aqui ou lá fora
ele sempre nos guarde

QUEM É QUEM?

quem consome pouco
é humilhado
quem consome muito
é admirado

quem soma pouco
é descartado
quem soma muito
é aproveitado

quem pouco
é esquecido
quem muito
é lembrado

CADA UM NO SEU QUADRADO

o padre reza sua missa,
consola os que pouco têm.
sabe bem dar pão às almas,
nada pode dar além.

a polícia cumpre a lei
e encarcera o zé ninguém,
deixando livre o bacana
que ainda ri com desdém.

a elite toca o país
como toca seus negócios.
ao povo, resta embriagar-se
com os mesmos velhos ópios.

A SAGUMANA NO SOLO DE GAIA

o bichumano subiu no telhado.
tem medo de cobra e mordida de rato,
da ave agourenta que no céu passa
e até de si mesmo: réu e comparsa,
vítimalgoz de sua própria desgraça.

o cegumano rasgou seus contratos.
não enxerga leis, regras, cláusulas.
fez sua fome não caber mais no prato.
misturou deus e darwin numa lógica crápula:
o paraíso é dos belos e fortes de cada raça.

o ser-engano construiu seu reinado.
inventou a guerra, sujou mares e serras,
prostituiu todos os seus bens sagrados.
seu destino é devorar pedras e pérolas,
sem notar a diferença que há entre elas.

JEITINHO BRASILEIRO

tudo bem
tudo mal
vida que segue
logo chega o natal!

tudo certo
tudo errado
mil problemas
nada que fuja do normal
vamos pôr tudo de lado?
falta só um mês pro carnaval!

tudo bom
tudo legal
um chope e coisa e tal?
em que mês estamos?
já é quase fim do ano?
passar férias onde?
em búzios ou no pantanal?

tudo ótimo
fenomenal
a gente logo se acostuma
seja no céu, na zona,
na rua, na lona
ou até no inferno total

QUILOMETRAGEM

para Luiz Prôa

eu não tinha medo
da vida
das perdas
de sonhar
era filho do rei
chefe de terra e mar

eu tinha fogo
no corpo, na alma
nos atos e intenções
tinha fogo no coração
que, dentre tantos,
é o de mais difícil extinção

eu tinha tantas coisas
e todas tão pesadas
porém nem percebia
as minhas mãos cansadas
vivia só na corrida
pra mim era tudo ou nada

eu não tinha medo
da partida, da chegada
dos meus tropeços
das porradas que o destino dá
hoje permaneço sem medo
só que sem pressa de chegar lá

FOME DE ÍCARO

para Maurício Pinheiro Reis, o Byafra

me abrigo em vozes
e olhos de veludo
vejo frações da morte
presentes em quase tudo

olho o gato, o prato, o fruto
olho nuvens que desaparecem
e voltam num ciclo mudo
antes deus, hoje homem
amanhã, menino me descubro

saídas são o que mais procuro
o pior é me sentir impotente
diante da vida e do oculto
e não há santo que aguente
estas trocentas dúvidas
roendo bem aqui no fundo

sou eu contra eu
contra mim contra deus
contra todos os meus eus
descrentes de todos e de tudo
só tenho uma certeza:
antes de me apagar,
taco fogo no mundo!

MUNDO DOS SONHOS

para Jane Duboc

quem dera
nenhum avião caísse
tragédia alguma existisse
e todos os seres vivos
morressem somente de velhice

quem dera
os governos fossem limpos
os bandidos, todos punidos
e o povo pudesse mais viver
do que seguir existindo

quem dera
deus fosse certeza e não enigma
a vida, uma beleza infinita
e os instantes parecessem versos
de um poema com ou sem rimas

quem dera
o mundo inteiro fosse lindo
as pessoas vivessem sorrindo
e adulto algum se sentisse tolo
por sonhar de novo feito menino

ÍNTIMAS

duas amigas
duas crianças
brincam livres
de culpas, cobranças
se lambuzam felizes
em suas semelhanças
são plateia e atrizes
dentro dessa dança

duas amigas
duas molecas
vivem grudadas
levadas da breca
se descobrem
no jogo delas
tão meninas
quanto mulheres

duas amigas
duas divas
antissantas pós-modernas
recusam leis
pudores, regras
e mandam à merda
os que nelas
atiram pedras

AS FACES DE EROS

"Não há pátria a quem ama.
Porque não posso separar o amor
do amante que se faz a pátria dele."
Carlos Nejar

quem ama não tem céu ou pátria
em nada se encaixa, enquadra
a não ser pertencer ao solo
colo ou casa da pessoa amada

o amor não obedece a castas
e só a liberdade lhe basta
estranho e ilógico o paradoxo
de ser ópio mas também ser asa

quem ama simplesmente salta
não mede a queda, nem faz cálculos
só sendo um bravo ou um lunático
para sem mapa se jogar na mata

o amor é tudo e ao mesmo tempo nada
despretensão mais pretensiosa que há
a emoção se faz chama que alaga
se alastra e pode até transbordar

quem ama já encontrou seu devido lugar

FOGO CRUZADO

tua voz, teu cheiro, tua imagem:
qualquer vestígio teu em mim
já faz soar meus mil alarmes.
somos fogueiras de mesma linhagem:
o que te incendeia em mim sempre arde.

teus gemidos, meu gozo, nossa mágica:
tudo vaza e inunda cada canto da casa.
na fonte do teu corpo achei minha água.
sem fronteiras, o amor ganhou asas:
mergulhamos um no outro como kamikazes.

minha fome, tua sede, tudo se encaixa:
no alfabeto da entrega vamos do ômega ao alfa.
meu céu de desejos sobre teu mar desaba.
sentimento assim põe o coração em brasa:
até as almas gozam quando os corpos se casam.

*PANTEÃO

deus-amor
deus-paixão
deus-ardor
deus-tesão
os deuses habitam
nossos corações

deus-carinho
deus-afago
deus-arrepio
deus-abraço
os deuses conduzem
as nossas emoções

deus-vagina
deus-palpitação
deus-adrenalina
deus-ereção
todos os deuses
inventam nossas sensações

deuses vêm
deuses vão
deuses chegam
de várias direções
nos invadem
transbordam
e escoam de nós
feito lavas de vulcão

*poema musicado por Marco Lyrio, Inimigos do Rei.

ORGIARTE

amar teu corpo
percorrendo-o
parte a parte

ardor quase sacro
abismo & abrigo
os dois irmanados

loucura liberta
sentir nos beijos
as almas se amarem

amar teu corpo
liturgia sexy
comunhão sensual

descobrir deus
em nós dois
depois do carnal

ACIMA DO OLIMPO

já não sei o que é meu
o que é teu
o que pertence ao mundo

só sinto e sei
que sou eu
meu enigma mais profundo

quem sabe sou
um tipo dedeus
que te ama acima de tudo

DOS DOIS

para Carlos de Queiroz Telles

de amor mesmo, nada sei.
mas amo além do que posso.
ao sair de mim, te achei.
deixei de ser meu: eu sou nosso.

AMOR BACANTE

a noite divide o dia em retalhos,
cada resto de luz some num abraço.
na cama, também me desfaço:
são teus todos os meus pedaços.

ARQUIVO MORTO

espelhos e escombros:
vejo com total assombro
o que fui, onde estamos.

rompido o lacre, olhares dissonantes.
o tempo desaba e se abre em flor:
abrimos uma porta que nunca se fechou.

rompido o encaixe, o mundo veio abaixo
com a força esquálida de um sopro.
(o cheiro da necrose já denunciava o morto)

estáticos e estranhos:
casa sem asa é sono sem sonho
cinzas se espalham na brisa de outono.

A RODA DA SOLIDÃO

se ao menos entendesses
que eu poderia pensar
se ao menos pensasses
que eu poderia entender
mas nem isso

se uma palavra ou gesto
de carinho ou de alegria
viesse a mim
como as horas que chegam
sem a licença do tempo
mas nem isso

se ao menos
um vento
uma oração
uma canção de lamento
mudassem o rumo das coisas
mas nem isso

se ao menos entendesses
se ao menos pensasses
um pouco em mim
mas nem isso

nem isso

INVOCAÇÃO À AMADA

vem,
boca, seios e sonhos,
armada de amor,
tesão e fogo.
me faz renascer
menino de novo
pleno de prazer

vem,
que em mim semeaste
uma alcateia de doidos.
serpentes de paixão
circulam famintas, insones
à procura deste pão
que só há nas ilhas
perdidas pelo teu corpo.

vem,
sigo triste neste jogo
estou cego, solto,
perdido, sou tão pouco!
tudo o que toco fica torto,
murcha, morre, acaba oco.
o céu não exala, é insosso.
e eu procuro por estrelas,
mas só encontro fogo morto.

AQUI NA MINHA MÃO
para Lúcia Santos

minha certeza
        não fraqueja:
quero teu coração
        numa bandeja

RENASCIDO

já é primavera:
os meus olhos desabrocham
quando vejo os dela.

POLISSEXIA

tua voz-pênis
minha vulvouvido
olhos se tocam
degusto gemidos
fazemos amor
com os 5 sentidos

RELICÁRIO

me vi em ti
quando já parecia tarde
os outros, sim,
são apenas detalhes,
simples restos,
pequenos retratos.
em mim, tirando o que é teu,
sobram meros retalhos.

sou feito do que me preenche,
de tudo que só em mim cabe.
quem me conhece já até sabe:
amo o que sou porque sou o que amo.
sempre entrego a quem quero
meus segredos, senhas e chaves.
todos os meus espelhos são feitos de carne.

COMUNHÃO

"o grande barato do sexo
é quando os parceiros se fazem
espelho e reflexo."
Denizis Trindade

visito todo o teu corpo
e com ele também me visito.
meu deus passa a ser o teu deus
quando a loucura e o cio
entre nós se converte em rito.

incêndio por todos os lábios,
abrem-se céus e sóis nas retinas.
a ânsia cega e segue feroz,
enquanto a fome não nos sacia.

vivo de todo o teu corpo
e com ele prossigo vivo.
verdade tua é minha verdade.
o que o mundo conhece por sonho
entre nós chamamos de realidade.

DE DENTRO PARA FORA

algo em mim crava unhas
fome de nome loucura
que nua vem em nuvens
de ferro, fogo e fúria

insone é nossa fervura
que não some: só come
e consome litros da pura
dose dupla da luxúria

furor que gela e arde
tudo une, nada desata
o inteiro perfeito
é mais que duas metades

sexo com amor é sexo
mas também um tipo de arte

VESÂNIA

"No amor mais puro
pus meus pés nus e inteiros
sem saber que amar
era andar num nevoeiro."
Victor Loureiro

frente verso fora dentro
toda a carne agora pulsa.
sede sexosentimento:
nada retenho e nem quero cura.

teu é tudo, e tenho
tanto de ti ainda.
feliz sou se me rendo
e bebo goles de tua vida.

disse "não" ao mundo.
queimei tudo: cartas,
mapas, barcos, alforria.
quanto mais te visto,
mais me desnudo.

e já tão tarde descubro:
amor é sangue, e não sangria.

MULHERES

para Vinicius de Moraes

não compreendo as mulheres
muitas vezes falam um idioma só delas
muitas vezes gritam, gesticulam ou demonstram
justamente o contrário daquilo que querem
muitas vezes nos testam, nos cercam
em perguntas que parecem desinteressadas
nas horas em que se fingem desligadas

não compreendo as mulheres
em seus dias mais difíceis
com seus desejos de serem mimadas
seus ouvidos sempre contrários a críticas
e escancarados pra elogios e belas palavras

não compreendo as mulheres
elas juram só querer carinho
mas adoram os canalhas
sonham com o príncipe bonzinho
e acabam atraídas pelo mau caráter
amam flores, dengos, ursinhos
mas adoram ser pisadas.

não compreendo as mulheres
com isso nem fico mais intrigado
se nem "freud" as entendeu,
quem sou eu pra decifrá-las?
que fique então combinado:
mulheres não querem ser compreendidas,
mulheres querem ser amadas!

MORADA

teus olhos voam em chamas
e bebem dos meus
a taça de céus e sonhos
que jamais pensei ter pra dar.

foi assim que entendi:
esta febre vicia e não mata
tudo que há em mim
em ti logo se encaixa.

a resposta mora em teus braços:
teu corpo é a minha casa.

ELO

teu sangue
me alerta e ensina
o valor que tua alma
tem hoje pra minha

teu sangue, minha vida
nossa rota, tua sina
tudo é um só corpo
um só nome
meta, plano, fome

teu sangue
me aceita e aquece
a partir de então
somos carne da mesma espécie

INTERLIGATOS

"Todos os meus espelhos
são feitos de carne."

feito gata em enlouquecido cio
ela ronrona e mia mia mia.
enquanto minha espada eu afio,
teu corpo inteiro fala comigo.

acaricio pés, pele e pelos.
faço cada milímetro que é teu
arder na febre de mil desejos.

felina foi a farra de falo e grelo:
fundamos um céu sem freios.
divino dilúvio de desassossegos:
os bichos se comem e lambem os beiços.

te vejo em mim e me reconheço
porque teu é meu fim e começo.

Marcelo Mourão é professor e ecritor. Nasceu em 1973, no Engenho de Dentro, subúrbio do Rio, e começou a fazer poesia em 1989.

Atuou como vocalista e letrista da banda “Atos de Loucura”, durante a década de 90, em pleno Brock (rock brasil).

Desde 2007 é militante do movimento artístico e poético. Participa de vários saraus, shows e antologias.

É um dos organizadores e apresentadores do evento literário POLEM (Poesia no Leme), desde seu início, em 2008, e participa da *agenda da Tribo.*

Tem um romance inédito e outro em elaboração.

O DIÁRIO DO CAMALEÃO é o seu primeiro livro solo e marca de forma comemorativa seus 20 anos de poesia.

SUMÁRIO

prefácio 7
camaleão 15
sísifo 16
vida própria 17
minha casa 18
la dolce vita 19
jóia de lata 20
nomes aos bois 21
parceria 22
herói de vitrine 23
eternidade 24
tudo de bom 24
pedaço de mim 24
amada 25
penso, logo existo 26
papo reto 26
a chama da vela – dedicado ao Tanussi 27
pedra filosofal 28
muito além do prometeu 29
presença 30
opção 31
sólido e gasoso 31
sou como sou 32
olho no olho 32
implosão 33
a parábola do iluminado 34
infinito circular 35
fênix 36
inquebrantável 37
verso e reverso 38
preço de banana 38
sombras 39
s força da foice 40
o que sobra 41
maravilhoso mundo moderno 42
noturno 43
no reino da pós-modernidade 44
monstro city 45

língua de fora 46
a rotina do ralo 47
vida de gado 48
a gente vai levando 49
dramalhão 50
fé demais 51
incendiário 51
copacabana 52
saco de pancada 53
jaula 54
quem é quem? 55
cada um no seu quadrado 56
a sagumana no solo de gala 57
jeitinho brasileiro 58
quilometragem 59
fome de ícaro 60
mundo dos sonhos 61
intimas 62
as faces de eros 63
fogo cruzado 64
panteão 65
orgiarte 66
acima do olimpo 67
dos dois 68
amor bacante 68
arquivo morto 69
a roda da solidão 70
invocação à amada 71
aqui na minha mão 72
renascido 72
polissexia 72
relicário 73
comunhão 74
de dentro prafora 75
vesânia 76
mulheres 77
morada 78
elo 79
interligatos 80

LIVROS PUBLICADOS PELA OFICINA CAIRO TRINDADE:

Histórias da Aldeia, de Marco Muniz (1997);
Dicionário de Lembranças, Maria de Minas (1998);
Poematemagia, de Cairo de Assis Trindade (2001);
Joganças, de Elisa Flores (2002);
Quase Sonata, de Colbert Hilgenberg (2002);
Casto Pecado, de Gladis Lacerda (2003);
O Homem do Chapéu-Coco, de Wilmann Costa (2005)
Quase Nada, de Alice Vidal (2006);
Trilhas do Amor, de Ana Amélia de Oliveira (2006);
I Concurso Carioca de Poesia - ABL (2006);
Sabor de Bis, de Edna Lima de Mendonça (2007);
Pele & Papel, de Elvé Monteiro de Castro (2007);
Hiper - poesia, Antologia da Oficina (2008);
Palavras Cruzadas, de Nadir Ludolf (2009);
C*aminho de Volta,* de Beatriz Barata (2009);
Direito e Avesso, de Sylvia Grabois (2009),
Gozação - rir é tudo de bom, de Claudia Ribeiro do Valle (a sair)
Ademar Vidal - para não esquecer, de Alice Vidal (a sair).

É uma honra ter Marcelo Mourão em nossa Oficina. Estudioso e bem informado, com humor e sensibilidade, estreia na Poesia como uma revelação. Um dos melhores poetas desta nova safra, do séc. XXI.
Poemas redondos, contundentes, com rimas ricas, versos bem trabalhados e temática variada, O Diário do Camaleão é um livro que vem para ficar.

Cairo de Assis Trindade

Este livro é uma delícia! Aquele que pensa que todo primeiro livro de poeta é chato, sem novidades, irá se surpreender. Cada poema desperta o apetite para o próximo. Impossível impedir a compulsão. Que a digestão destes versos se processe em cada leitor de forma transformadora, assim como é a proposta deste O Diário do Camaleão.

Luiz Fernando Prôa

Este livro interessa a quem sabe que crescer é bom. Marcelo Mourão é um poeta que está sempre experimentando aprender mais e expressar melhor, porque entende que, sem trocar com os outros, nada é completo ou vale a pena, pois sem interação a alma fica pequena. Também nos lembra como o poema é "brinquedo" e, como brinquedo, "lição". E como pode ser bom! Curtam este e aguardem o próximo:
Marcelo é um poeta em expansão.

Eduardo Tornaghi

PERSONAL